

**APRENDIZAGEM PELA SIMULAÇÃO CLÍNICA POR ACADÊMICOS DE
ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Gestão em Serviços de Saúde

GOMES, Roberta Garcia

Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL- MG

Roberta Garcia Gomes; Rogério Silva Lima; Carolina Costa Valcanti Avelino; Eliza Maria Rezende Dázio; Silvana Maria Coelho Leite Fava; Zélia Marilda Rodrigues Resck

RESUMO

Introdução: A Simulação Clínica é uma metodologia que possui emprego crescente no curso de graduação em enfermagem de uma universidade pública do sul de Minas Gerais. Essa estratégia possibilita inserir o aluno no centro do seu processo de formação e permite agregar, além do conhecimento teórico, habilidades e atitudes requeridas para o futuro profissional. **Objetivo:** relatar a experiência do emprego da Simulação Clínica como instrumento para viabilizar o processo de aprendizagem de acadêmicos de enfermagem. **Método:** Relato de experiência de Simulação Clínica de avaliação do paciente crítico por acadêmicos do nono período de enfermagem, durante o Estágio Curricular, realizada no período de novembro de 2016 a fevereiro de 2017. **Resultados e Discussão:** Foram respeitadas as seguintes etapas da Simulação Clínica: sessão informativa, introdução ao ambiente, reunião informativa sobre o simulador (briefing), entrada da teoria, reunião informativa sobre o cenário simulado, cenário/sessão da simulação e debriefing. A simulação foi filmada com o auxílio do recurso Learning Space. Os acadêmicos de forma geral relataram ansiedade por autocrítica, uma vez que tinham medo da exposição e não corresponderem as próprias expectativas e às dos docentes. Porém, à medida que as etapas foram desenvolvidas, verificou-se o interesse e motivação para a participação. **Conclusão:** Por meio do debriefing constatou-se que a simulação foi positiva para os acadêmicos e, apesar do nervosismo, tiveram a oportunidade de aprendizado e sentem-se mais preparados para a prática clínica.

Palavras chaves: Simulação; Aprendizagem; Avaliação em enfermagem.

INTRODUÇÃO

A conformação das competências clínicas tem início no curso de graduação em enfermagem, onde o acadêmico deve ser estimulado a ser reflexivo, bem como aprender a ser resolutivo, trabalhar em equipe, ter liderança e ser capaz de gerenciar, tanto o cuidado prestado, quanto a equipe que irá coordenar após concluir o curso.

Nessa proposta de formação reflexiva e crítica, o docente deve adotar metodologias ativas para mediar a aprendizagem, uma vez que o modelo tradicional, de forma isolada, coloca em segundo plano o protagonismo do aluno no processo de ensino aprendizagem.

A simulação clínica é uma estratégia de ensino que imita fatos esperados e inesperados da prática profissional, permitindo aos estudantes experimentar situações do ambiente clínico real (QUILICI et al., 2012).

Este estudo tem por objetivo relatar a experiência do emprego da Simulação Clínica como instrumento para viabilizar o processo de aprendizagem de acadêmicos de enfermagem.

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência realizado a partir da coleta de dados de uma dissertação de mestrado desenvolvida pela autora principal do presente trabalho. Ressalta-se que o estudo respeitou os preceitos estabelecidos pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2013) e obteve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Protocolo número 61544616.9.0000.5142).

A experiência aqui relatada é uma Simulação Clínica de avaliação do paciente crítico por oito acadêmicos do nono período de enfermagem, como parte das atividades da disciplina Estágio Curricular II, de uma universidade pública do sul de Minas Gerais.

A atividade foi desenvolvida no Laboratório de Simulação Clínica da universidade. O cenário foi composto por um box com maca e manequim de alta fidelidade, um monitor multiparamétrico. Uma bancada para anotações, um carro de emergências com desfibrilador externo automático, um eletrocardiógrafo e um carro para procedimentos. O paciente simulado continha dispositivos como tubo orotraqueal (sob ventilação mecânica), sonda nasoenteral (com dieta fracionada), cateter venoso central (com droga vasoativa, sedação e medida de pressão venosa central), pressão

arterial invasiva (com transdutor para monitoramento contínuo de pressão arterial média), sonda vesical de demora (com aspecto colúrico).

A simulação transcorreu no período de novembro de 2016 a fevereiro de 2017, sendo as etapas constituídas por sessão informativa, introdução ao ambiente, reunião informativa sobre o simulador (briefing), entrada da teoria, reunião informativa sobre o cenário simulado, cenário/sessão da simulação e debriefing, conforme descrito por Quilici et al. (2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na sessão informativa, os acadêmicos tiveram acesso ao material para leitura referente à avaliação do paciente crítico, conforme capítulo um do livro “Enfermagem em UTI: cuidando do paciente crítico” (PADILHA, 2010). A pesquisadora principal disponibilizou o material, via e-mail, no mês de novembro de 2016.

Nos dias 13, 14 e 15 de fevereiro de 2017, ocorreram todas as demais etapas da atividade. Dia 13 foi destinado a uma aula teórica para resgatar o conhecimento sobre avaliação clínica do paciente, realizada por docente e enfermeira da Universidade. Notou-se que os acadêmicos não demonstraram interesse pela aula expositiva.

A entrada da teoria diz respeito a uma aula expositiva dialogada ministrada pela pesquisadora principal sobre avaliação de um paciente crítico em Terapia Intensiva. A enfermeira responsável pela atividade adotou a mesma referência que disponibilizou aos acadêmicos na sessão informativa para preparo da atividade, a fim de que não houvesse viés de avaliação. Essa etapa transcorreu no dia 14 de fevereiro, no período da manhã, no Laboratório de Simulação Clínica da Universidade. Esta atividade teve um feedback positivo, na qual os alunos estavam mais interessados e dispostos a participar.

Nesse mesmo dia, no período da tarde, foram apresentados formalmente ao ambiente da simulação e receberam informações sobre a atividade de uma forma geral, como etapas da simulação, tempo da atividade e objetivos de aprendizagem.

Na reunião informativa sobre o simulador, denominada “briefing”, tiveram acesso ao simulador de alta fidelidade Human Patient Simulator (HPS), da marca CAE Health care, bem como ao cenário propriamente dito. Tiveram oportunidade de sanar dúvidas em relação aos equipamentos, como o monitor multiparamétrico e ao funcionamento do manequim.

No dia 15 de fevereiro, os acadêmicos participaram da reunião informativa sobre o cenário. Essa atividade ocorreu com horário agendado, visto que foi de forma individual. Na cena, havia um facilitador (enfermeiro que realizou a passagem de plantão do paciente) e prontuário fictício para que o acadêmico recorresse, caso julgasse pertinente para coleta de dados do paciente fictício.

Na etapa seguinte, os alunos realizaram a simulação no cenário de uma Terapia Intensiva adulto. O tempo máximo para a realização da atividade foi 20 minutos. O acadêmico realizou a avaliação do paciente crítico e registrou as informações em um roteiro validado, sendo que essa utilização teve anuência dos autores que o desenvolveu (RAMALHO NETO; FONTES E NÓBREGA, 2013).

A pesquisadora principal utilizou o OSCE (Objective structured clinical examination) para avaliação da atividade, desenvolvido pela mesma a partir do roteiro em que o acadêmico registrou as informações.

A simulação foi filmada com o auxílio do recurso Learning Space, assim como o debriefing, realizado nesse mesmo dia, no período de 16:30 às 17 horas, após todos os acadêmicos terem realizado a atividade.

Como facilitadores, contaram com a presença de dois docentes e um enfermeiro. Esses facilitadores participaram de todo o processo da simulação.

Os acadêmicos de forma geral relataram ansiedade por autocrítica, uma vez que tinham medo da exposição e não corresponderem as próprias expectativas e às dos docentes.

Porém, à medida que as etapas foram desenvolvidas, pudemos constatar o interesse e motivação para a participação. Esse fato pode ser exemplificado por um acadêmico ter solicitado o termo de consentimento ao final do segundo dia para participar da etapa de Simulação propriamente dita.

De maneira geral, o processo de ensino aprendizagem em relação à avaliação clínica pelos acadêmicos, ainda acontece de forma fragmentada, com interrupções para recorrerem ao prontuário e resgatarem informações. Nenhum deles realizou a avaliação neurológica de forma completa. Um dos acadêmicos não conseguiu registrar nenhuma informação no impresso para coleta de dados. Porém, buscaram planejar e sistematizar o exame clínico, correlacionar os achados aos exames laboratoriais e de imagem, bem

como ao diagnóstico do paciente fictício. Abordaram o paciente de forma ética e garantiram sua individualidade e privacidade.

Como fragilidades, dois acadêmicos não concordaram em participar devido às experiências negativas em disciplinas anteriores, que geraram ansiedade e medo em decorrência do caráter avaliativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível apreender que a Simulação Clínica apresenta potencialidades para a conformação de competências clínicas quanto à avaliação do paciente crítico.

Em um primeiro momento, os acadêmicos referiram desconforto quanto ao método, principalmente por ser em ambiente que dispunha de recursos de áudio e vídeo. Embora tivesse sido explicado que não tinha caráter avaliativo, a ansiedade ainda persistia.

No entanto, após a simulação, os acadêmicos referiram que o recurso da gravação de áudio e vídeo não foi fator estressante, uma vez que estavam concentrados na avaliação do paciente.

Por meio do debriefing constatou-se que a atividade de simulação foi positiva favorecendo a troca de experiências. E que, apesar do nervosismo, tiveram a oportunidade de aprendizado e que se sentem mais preparados para a prática clínica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de educação. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2013. Disponível em: <
<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 15/07/2016.

DUCCI, A.J. et al. Avaliação do paciente crítico. In: PADILHA, K.G. et al. Enfermagem em UTI: cuidando do paciente crítico. São Paulo: Manole, 2010. cap.1, p. 3-22.

QUILICI, A. P. et al. **Simulação clínica**: do conceito à aplicabilidade. São Paulo: Atheneu, 2012.

RAMALHO NETO, J. M.; FONTES, W. D.; NÓBREGA, M. M. L. Instrumento de coleta de dados de enfermagem em unidade de terapia intensiva geral. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 66, n. 4, p. 535-42, jul/ ago 2013.